

SOUSAS, SUBÚRBIO DE CAMPINAS

JOSÉ DOMINGOS TÍRICO

Sousas — o antigo "Arraial dos Sousas" — é, hoje, um verdadeiro subúrbio da cidade de Campinas e, não, o simples "bairro" rural, como foi até época relativamente recente; e, em sua evolução, tende a transformar-se em um bairro-subúrbio, tão estreitas vêm-se tornando as ligações com aquela importante cidade paulista. É este o exemplo focalizado, no presente trabalho, pelo prof. JOSÉ DOMINGOS TÍRICO, sócio cooperador da seção paulista da A.G.B., professor de Geografia Regional na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas e na Faculdade de Filosofia de Sorocaba, além de professor de Geografia Regional do Brasil na Faculdade de Filosofia de São Bento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Últimamente, tem a Associação dos Geógrafos Brasileiros incluído, no temário de suas assembléias anuais, simpósios cujos resultados têm sido os melhores possíveis. Entre os que despertavam maior interesse estão os referentes aos problemas do "habitat", pelos debates que produziram e pelas tentativas que os colegas fizeram no sentido de sistematizar essa espécie de estudo, adotando uma nomenclatura uniforme que atenda a realidade brasileira.

O estudo, que ora apresentamos a respeito do distrito de Sousas (município de Campinas, S. P.), parece enquadrar-se no espírito dos debates em torno daquele momentoso assunto geográfico, inclusive pelo sentido de evolução que apresentou o aglomerado, passando por formas intermediárias funcionalmente rurais, para, hoje, pelo tipo de relações regionais, aparecer como uma forma de transição de caráter urbano.

O quadro natural. — Engastada numa secção da "fall-zone" semi-circular paulista, que corta o Estado num sentido grosseiramente SW-NE, a "zona de Campinas" (MONBEIG, 1946), apresenta aspectos de duas grandes províncias geológicas, a fanerozóica e a criptozóica. A oeste da linha férrea da "Companhia Mojiana", no município campineiro (que pode servir de grosseiro divisor das duas grandes formações), estão os terrenos sedimentares permo-carboníferos, de fácies glacial e flúvio-lacustre, em que se

entremeiam intrusões e efusões triássicas de magma basáltico. Aí a topografia é representada pelas *colinas* suaves, tabulares mesmo, da Depressão Paleozóica, cuja altitude não ultrapassa 650 m., e pelos *chapadões* arenito-basálticos, estruturalmente triássicos e cretácicos, cujas altitudes vão diminuindo desde 500 m. até atingirem as barrancas do Rio Paraná, e cujo conjunto forma o Planalto Ocidental de São Paulo. O único acidente importante, que marca a passagem de uma para outra formação, dentro da província fanerozóica, é a linha descontínua de "cuestas" modeladas em arenitos e basaltos, cortadas epigênicamente pelas "percés" consequentes dos rios provenientes do Planalto Atlântico. Trata-se, assim, de um conjunto topograficamente tranqüilo, cujos desníveis são quase sempre inferiores a 50 m., com exceção das escarpas de "cuestas". Para leste da linha divisora, aparecem os terrenos cristalinos do arqueozóico e do pré-devoniano, com feição e história muito diversas. Trata-se de terras do reverso continental do Planalto Atlântico, localmente representado pelos últimos esporões da Serra da Mantiqueira, antes do contato com os terrenos da Depressão. São terrenos muito mais movimentados que os da área anterior, formados por gnaisses, granitos e xistos com gnaisses subordinados, compondo uma área que funcionou, primariamente, como fornecedora de sedimentos para as zonas deposicionais interiores, representadas pela Bacia-Sedimentar Paranaica. Apesar dos sucessivos ciclos erosivos por que passou, correspondentes a outros tantos soerguimentos, apresenta-se esta parte bem mais elevada que a anterior, com altitudes não menores a 700 m. e cujos divisores principais pertencem à Superfície das Cristas Médias (1 000-1 200 m.). Por êsses fatos todos e, mais, pela ação do homem (de que resultou uma característica geo-econômica singular para a área) é que o município de Campinas, juntamente com o de Jundiá, foram considerados como zonas de contato, formando, assim, uma zona à parte dentro da divisão regional do Estado.

O distrito de *Sousas* está situado, exatamente, dentro dessa área no município campineiro, pouco mais de seis quilômetros a leste da cidade de Campinas. Tal situação coloca o distrito dentro, ainda, da zona arqueozóica, mas muito próxima à linha de contato entre o Planalto Atlântico e a Depressão, fato que adquire crescente significado, quando se tem em conta as perturbações estruturais e morfológicas causadas pela presença da "fall-line", oferecendo campo para as transformações construtivas do elemento humano. Com efeito, a drenagem proveniente dos terrenos da série São Roque, ali representados pela Serra da Mantiqueira, antes mesmo de ultrapassar o contato com os terrenos paleozóicos, onde se torna mais pronunciada a presença da "fall-line", por meio dos acidentes nos cursos dos rios, e à custa de arranjos estruturais locais, origina, no contato com barreiras de rochas graníticas ou

ESQUEMA GEOLOGICO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS

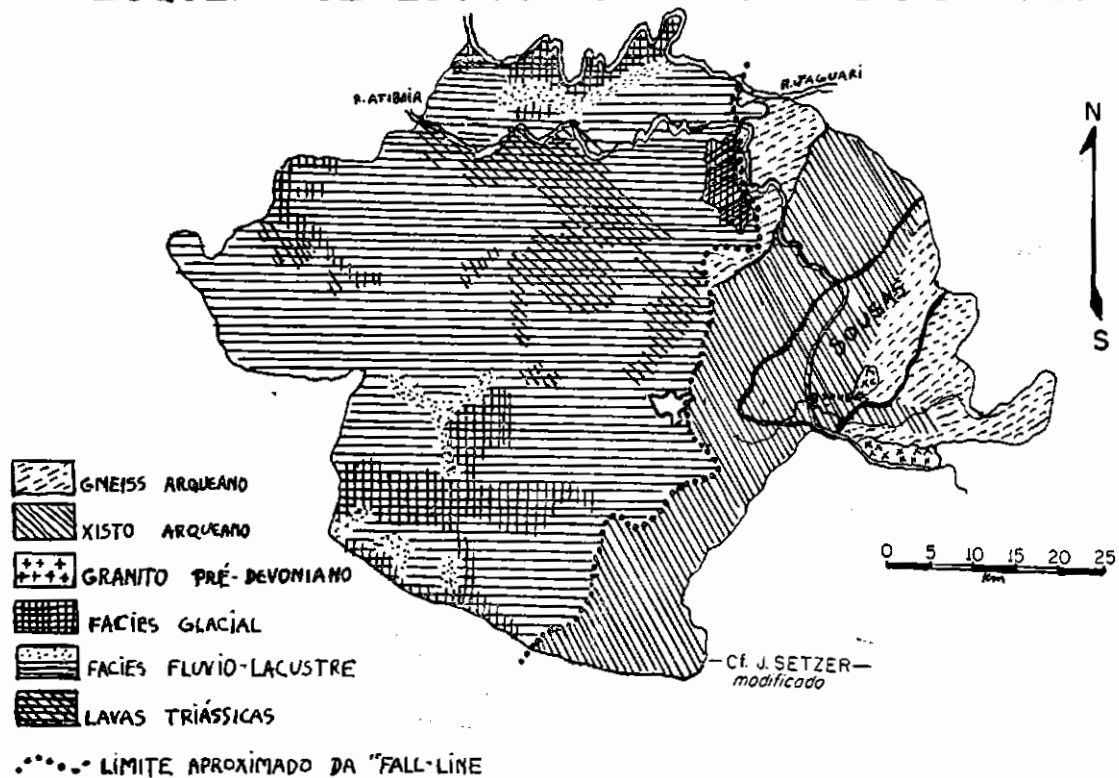


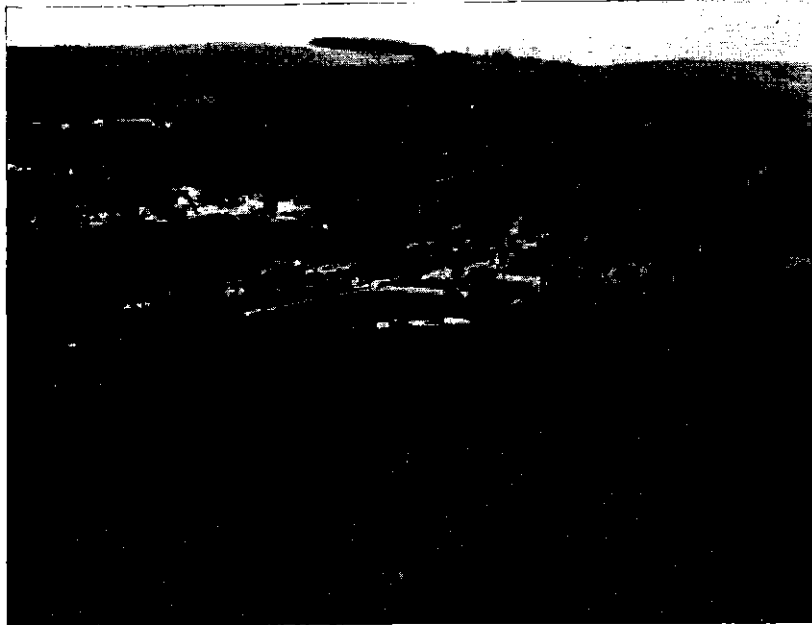
FIG. 1 — Esquema geológico do Município de Campinas.

granitizadas, "corredeiras" e pequenos saltos mais ou menos pronunciados. O fenômeno tem uma importância humana marcante para a área, como bem atestam as usinas hidrelétricas de tamanho médio que aparecem nos rios Jaguari e Atibaia, dentro do município de Campinas, ao redor da área de Sousas.

A drenagem para a área de Sousas é representada pelos altos cursos dos rios Jaguari e Atibaia e pelos ribeirões dos Pires e das Cabras, ramos de uma dendritificação generalizada para esta parte do Estado; a par disso, uma vegetação original de "cerradões", hoje evoluída para campos, mercê da ação do homem, e um clima generoso, com médias térmicas em torno dos 21º e pluviométricas em torno dos 1 300 mm/a, completam o quadro físico da área onde se situa o distrito de Sousas.

O sítio. — A morraria mamelonar, característica do Planalto Atlântico, faz-se presente por último em Sousas, antes que a topografia transmude-se para a de colinas uniformes, tabulares, de vertentes suaves, típicas da Depressão. A Serra das Cabras (1 100 m.), representante sousense da Superfície das Cristas Médias, nos limites orientais do distrito, vem perdendo altitude para oeste quase bruscamente, para dar lugar ao Vale do Atibaia, que corta o aglomerado de sul para norte. Ao longo do vale, que se aprofunda de 8 m. neste sítio, sôbre uma pequenina planície de nível de base, num alargamento maior do espaço, propiciado ainda pela confluência dos ribeirões dos Pires, pela esquerda, e o das Cabras, pela direita, desenvolve-se a parte principal do aglomerado de Sousas. A planície, que se espraia entre as cotas de 638 e 642 m., vê-se dominada por pequeninas lombadas de terraços, com evidentes sinais de reentalhe a 646 m., tendo êstes, portanto, um desnível de 4 m., aproximadamente, com relação àquela. Esse conjunto é completado pelos morros que circundam a aglomeração e que se apresentam divididos em dois níveis principais: o primeiro, a 690 m. (portanto, a 44 m. sôbre o nível dos terraços) e o segundo, representado por tôpos arredondados, característicos a 750 m. (e, portanto, com 60 m. a mais que o primeiro), dominando a planície de quase 110 m.. A passagem de um para outro nível faz-se através de uma vertente bastante íngreme, o que acentúa, mais ainda, a platitude do tôpo do primeiro nível; isso, sem dúvida, deve-se a um estágio erosivo do rio Atibaia imposto pelos sucessivos soerguimentos, que afetaram o Planalto Atlântico, obrigando assim o rio a novas retomadas de erosão.

Dessa forma, a maior expressão do aglomerado acha-se confinada a um ângulo colocado à margem direita do Rio Atibaia, formado por êste e o Ribeirão das Cabras, embora, ultrapassada a ponte, a margem esquerda esteja assistindo à sua expansão. Fora disso, o Atibaia aglomera linearmente a ocupação para o norte



Foro 1 — O aglomerado de Sousas assenta-se, principalmente, sobre uma pequenina planície de nível de base e sobre os baixos terraços marginais (4 m). No primeiro plano, o nível de 690 m., que começa a ser galgado, enquanto que a vista foi tirada do nível mais alto de 750 m. (Foto do autor: 1959).



Foro 2 — A hidrografia impressiona a fisionomia urbana de Sousas. Aqui, o ribeirão das Cabras passa atrás das casas de uma das ruas centrais, obrigando à construção de pequenas pontes para se atingir o quintal.

e para o sul, seguido pela estrada que leva ao distrito de Dr. Lacerda, enquanto que o Ribeirão das Cabras e o dos Pires imitam-no a leste e oeste, balizando as estradas para Joaquim Egídio e Campinas, respectivamente. Vê-se, logo, o papel desses rios facilitando o acesso, abrindo com seus vales espaços entre os morros, logo aproveitados pelas estradas. A aproximadamente 1 km. da confluência, tanto o Atibaia como o Ribeirão das Cabras apresentam acidentes nos seus leitos, que propiciam a formação da planície de nível de base, ocupada, hoje, por Sosas. O fato significa, tão somente, a ampliação, no interior dos terrenos criptozóicos, dos acidentes da "fall-line", do que derivou a verdadeira "fall-zone" paulista. No Rio Atibaia, o acidente aparece como um salto de pequena amplitude, com um desnível de pouco mais de um metro, causado por uma faixa de gnaiss granitizado, que atravessa os terrenos xistosos naquele ponto, aflorando inclusive nas margens. No Ribeirão das Cabras, pelos mesmos motivos, acidenta-se o curso; ali, entretanto, o vale se afunila, havendo uma sucessão de soleiras por um espaço de quase 100 m., com um desnível de, aproximadamente, 8 m.

Essa, pois, a paisagem natural que compõe o acidentado sítio de Sosas, cujo relêvo ora facilita, ora dificulta o estabelecimento humano, mas que, de qualquer forma, marca profundamente o aglomerado, impondo-lhe estrutura e direções de crescimento, como se verá adiante.

O povoamento, a evolução agrária e o aglomerado. — Quase impossível se torna analisar a evolução funcional do núcleo de Sosas, sem o conhecimento das origens do povoamento da área onde hoje se encontra o distrito.

Sabe-se que, nos fins do século XVIII e princípios do XIX, a área correspondente ao município de Campinas já se apresentava ocupada, principalmente na zona próxima ao contato geológico e, preferencialmente, na parte ocidental da Depressão Paleozóica. A ocupação se fazia, em boa parte, através de uma utilização predatória do espaço, com extração de madeiras e roças de subsistência, de caráter itinerante, que acabaram por destruir o manto florístico primitivo. Ao lado disso, entretanto, havia uma agricultura comercial, em bases muito rudimentares, de cana de açúcar, com a utilização dos engenhos para a industrialização do produto.

A família Sosas possuía, desde 1796, uma sesmaria de uma légua quadrada em *Anhumas*, a NE da Vila de *São Carlos* (atual Campinas), onde estabelecera sua lavoura canavieira com o respectivo engenho; próximo, existiam outras sesmarias, como *Atibaia* e *Mato Dentro*, mas sempre confinadas pela margem esquerda do Rio Atibaia, o que nos leva a concluir por uma ocupação efetiva mais ou menos densa da área, para a época, tanto mais que, entre



Foto 3 — Eis os acidentes nos leitos dos rios da "fall-zone". O do Atibaia (foto 3) apresenta um desnível de pouco mais de um metro, enquanto que o do ribeirão das Cabras (foto 4) forma uma sucessão de soleiras por quase 100 m, com um desnível de uns 8 metros aproximadamente. Ambos situam-se a 1 km do centro do aglomerado. (Fotos do autor, 1959).



Foto 4

a Vila de São Carlos e as sesmarias, ficava o chamado *Bairro dos Ilhéus*, ponto de concentração de colonos portugueses por ocasião da vinda da Família Real para o Brasil e durante todo o período de sua permanência, fato que colocava a mão de obra muito próxima à área de sua utilização. Pouco antes da introdução comercial do café no município campineiro, por volta de 1830, um grupo de sertanejos, chefiados por Aleixo Antônio de Godói e Bernardo Sampaio, batendo as terras a leste da sede municipal, acabaram por atravessar o Rio Atibaia, aprofundando-se no cristalino e dando a conhecer as paragens que ficavam à margem direita do rio. Construíram uma ponte, pelo que o lugar tomou o nome de *Ponte do Atibaia*, fato que começou a atrair gente que possuía terras nas circunvizinhanças, como as famílias Fornaleiro, Morais, Camargo e Sousas, esta tendo à frente o Capitão José de Sousa e Siqueira, por várias vezes Vereador e Juiz Ordinário da vizinha Vila de São Carlos. Os estabelecimentos dos primeiros moradores, com suas lavouras de subsistência, transformaram o local num verdadeiro *bairro rural*.

Nesse momento, o café já invadira as primeiras áreas do município de Campinas e a busca de novas terras orientou-se no sentido da região cristalina de Sousas, que já havia granjeado fama de fertilidade; os grandes proprietários da antiga Vila de São Carlos levaram o café para essa nova frente, que não encontrava quase resistência da cana de açúcar pré-existente. Entretanto, completou-se a estrada que ligava o "bairro" de Sousas a Campinas, o que propiciou o fornecimento, cada vez maior, em homens e material de trabalho, para a zona sousense. Entre 1830 e 1883, povoou-se extraordinariamente a área e o núcleo cresceu, comportando a ereção de uma primeira Capela — a de São Sebastião; multiplicaram-se as casas dos que não possuíam terras ("camaradas", "meeiros" e arrendatários), bem como pequenas "vendas" e outras casas de comércio destinadas ao atendimento imediato da população local, fazendo fervilhar, assim, o núcleo de Sousas, à maneira das frentes pioneiras. Em 1889, foi criada a primeira agência de Correios, ao mesmo tempo que, por petição da Câmara dos Vereadores, o núcleo passou a chamar-se *Arraial dos Sousas*, como uma homenagem àquela tradicional família. Como tivesse aumentado muito a produção cafeeira e a estrada carroçável aberta não oferecesse condições aceitáveis para o escoamento da produção, ao mesmo tempo que o meio de transporte, geralmente por tropas de burros, tornasse morosa a entrega do produto em Campinas, o espírito empreendedor de dois campineiros — drs. Paulo Machado Florence e Inácio Queiroz Lacerda — fez com que se cogitasse da construção de um caminho de ferro.

Em 1894, foi inaugurado o *Ramal Férreo Campineiro*, fato que veio completar a infra-estrutura da economia cafeeira na área.

Várias foram as benfeitorias que o núcleo foi recebendo, sucessivamente, como reflexo de seu progresso. Entre 1894 e 1897, foi construída a Igreja Matriz de Sant'Anna e nesse momento, Sousas já não era mais um "bairro" rural, mas um movimentado povoado, que, em 1896, já merecia as honras de distrito policial e, quatro anos mais tarde, foi elevado à categoria de Freguezia de Sant'Anna.

Necessário se faz atentar para as transformações sofridas pelo núcleo nessa sua evolução de simples "bairro" para movimentado povoado. Um primeiro fato. Foi o aumento considerável da população, alcançando um contingente de mais de 2 000 almas, segundo as estimativas, fora a população do meio rural, cujo número era quase o dôbro daquele. Uma segunda consideração é a que se deve fazer em torno da população flutuante que, dadas as facilidades de comunicação férrea, periodicamente se dirigia a Sousas, nas épocas do ano em que o café demandava mais mão-de-obra. Um terceiro fato a considerar é que, dadas as condições dessa população flutuante, era de se prever as possibilidades de sua acomodação dentro do núcleo, o que veio por força aumentar espacialmente a área construída. Finalmente, é de notar a considerável atração que uma terminal férrea exerce nesses casos, principalmente no seu papel aglutinador de população. Por tudo isso, o antigo Arraial dos Sousas, no início do atual século, gozava de um alto prestígio no que se refere à sua zona rural, exportando o famoso "Café-Campinas", de uma movimentação no seu núcleo urbano, que lhe davam os negócios referentes ao embarque da rubiácea e o deslocamento da massa de trabalhadores.

Essa situação de prosperidade perdurou até 1929-30. A crise, então registrada, abalou todos os ramos de atividade e importou no corte dos cafezais e na queima do café. O produto, que havia feito a fama e a riqueza de Sousas através de quase 100 anos de atividades, de repente foi suprimido. Como consequência, despovoou-se a zona rural, como em outras áreas do município campineiro, dirigindo-se essa mão-de-obra para a cidade de Campinas, em boa parte, a engrossar as fileiras dos que contribuíam para a evolução industrial da cidade, iniciada em 1850. As terras cansadas do café, não suportando de imediato novas culturas, foram transformadas em pastos, iniciando-se, assim um ciclo do gado para a área. A paisagem rural sousense perdeu em movimentação e muitos de seus elementos (como as casas-grandes de imensos terreiros de secagem) caíram em desuso e abandono; surgiu a paisagem-fantasma, que o café deixara como herança.

O núcleo urbano, cuja movimentação se exercia apenas em função do café, entrou em estagnação, embora a área rural, proporcionalmente, tenha sofrido uma decadência muito maior com respeito ao setor demográfico. A linha-férrea deixou de exercer

a função principal para a qual fôra criada e nem a sua eletrificação pela "Cia. Tração Luz e Fôrça" conseguiu reanimá-la. Como a estrada, várias dependências urbanas do aglomerado caíram em desuso com a ausência do elemento animador: depósitos foram fechados, sacarias pararam de funcionar, estabelecimentos de escrituração do café embarcado também perderam sua função, bem como as pequenas pensões que abrigavam temporariamente a mão-de-obra flutuante. A vida urbana do núcleo parou quase totalmente, por depender exclusivamente da área rural, que já não apresentava a mesma movimentação. Cessou, assim, êsse primeiro período do aglomerado, sem que pudesse ter deixado a categoria de simples povoado, embora a tendência, com a continuação da economia cafeeira, fosse para um crescimento cada vez maior e uma promissora vida urbana, o que o levaria, fatalmente, à categoria de cidade.

Embora o gado se tivesse transformado na principal atividade agrária do distrito sousense, isso não quer dizer que alguns fazendeiros mais renitentes e possuidores de maiores recursos não tivessem conservado, pelo menos, uma pequena parcela de suas vastas plantações de café. É lógico que, depois de passada a crise, êsse café voltasse pouco a pouco a funcionar como produto de grande valor; mas, em Sousas, os velhos cafezais nunca voltaram à mesma produtividade anterior, e, hoje, ainda é possível ver-se na paisagem vários milhares de velhos pés de café plantados à maneira antiga, sem um mínimo de requisitos da moderna técnica, o que coloca sua baixíssima produção quase ao nível de cultura de fundo de quintal. Ao lado dêsse café, conservaram-se e até aumentaram-se as áreas de plantio para subsistência. É de se notar que a maioria abandonou por completo seus cafezais e, mesmo, suas propriedades que, retalhadas em pequenos sítios, passaram para outras mãos, a preços bastante irrisórios. O retalhamento da grande maioria das propriedades veio modificar a paisagem rural de Sousas, principalmente no que concerne à diversificação das culturas de subsistência e ao relativo maior agrupamento do "habitat", o que veio criar, para estas áreas do distrito, uma dispersão em nebulosa; entretanto, a maior parte da área conservou uma dispersão mais acentuada, à custa da criação de gado. Aliás, êsse gado, que, no início, não teve um destino bem definido, foi sendo, depois, orientado de preferência para a produção do leite, o que absolutamente excluiu o corte, em regime de semi-estabulação. Um outro fato (e êste bem mais recente), que veio trazer maiores modificações, ainda, na paisagem agrária local, foi o aparecimento do elemento japonês, que, com sua paciência e métodos de trabalho, tem contribuído ainda mais para a diversificação das culturas, principalmente no que respeita a legumes, verduras e fruticultura.

Praticamente, a modificação agrária introduzida depois do café no ambiente rural de Sousas, não trouxe nenhuma contribuição ao núcleo urbano, quer movimentando-o mais, quer criando novas benfeitorias, quer aumentando sua população ou o espaço construído. Isso quer dizer que a nova orientação agrária não teve nenhuma ou quase nenhuma repercussão no ambiente urbano, como o fizera o café, nos bons tempos; isso significa, também, que o núcleo urbano passou a depender muito menos ou quase nada do campo, no que se refere à evolução positiva, por qualquer ângulo que se observe, ao contrário do que acontecera anteriormente, tendo como causa exclusivamente a cultura da rubiácea; isso deixa transparecer, inclusive, que, se evolução e crescimento houve (como de fato aconteceu), são ambos devidos a causas outras que não o influxo proveniente da zona rural.

Enfim, o que nos parece certo é que o núcleo urbano de Sousas perdeu as funções nítidas e eminentemente rurais, sob o signo das quais apareceu e evoluiu positivamente, para adquirir outras, sob as quais hoje vive e cresce, funções essas bem estranhas ao ambiente rural. Essas funções, que são o característico de Sousas hoje, serão logo mais analisadas.

Sousas atual: estrutura e ocupação do espaço urbano. — Os elementos topográficos e morfológicos do sítio impõem, ao aglomerado de Sousas, uma estrutura de modo geral linear e, até, rudimentarmente estelar, se considerarmos os prolongamentos que saem do centro, seguindo grosseiramente a orientação dos quatro pontos cardiais principais. Analisado no detalhe, entretanto, verificamos que nem tudo é linearidade, em consequência de uma imposição da hidrografia, no que se refere ao seu representante principal — o Atibaia, e aos secundários ribeirões dos Pires e das Cabras. É que a parte mais densamente ocupada, que se agrupa sobre a pequenina planície de nível de base e o lance dos baixos terraços marginais, ensaia um tabuleiro de xadrês, mal traçado, em virtude de vícios e falta de orientação no crescimento. Fora isso, nota-se no traçado, tanto do Jardim Atibaia, ao sul do núcleo central, como no Jardim Sorirama e Nova Sousas, ao norte, uma tendência ao lombricóide, numa tentativa de adaptação à topografia, pois aí o aglomerado avança para as primeiras encostas mais suavizadas dos morros envolventes; o fato se repete a oeste, nas Vilas Sônia e Iório, e no Jardim São Francisco, Vila Ana Luisa e Jardim Conceição, a sudoeste. Apesar disso, é notável a insistência com que o aglomerado procurou, primeiramente, ocupar os locais junto aos vales, sem dúvida de mais fácil estabelecimento, o que proporcionou ao conjunto uma estrutura grosseiramente estelar, para, só ultimamente, voltar-se para os vazios que ficaram entre

as pontas da estrêla e que, sem dúvida, representam uma dificuldade a mais para estabelecimento, desde que se trata das encostas dos morros.

O elemento paisagístico que mais impressiona o sítio e a estrutura de Sousas é o Rio Atibaia, que corta o aglomerado num sentido grosseiramente sul-norte; sua presença requereu a construção de pontes, que enfeitam a paisagem urbana. Mas, também os outros ramos da drenagem, os ribeirões das Cabras e dos Pires, têm o mesmo papel, oferecendo obstáculos à sua transposição, resolvidos através das pontes; o ribeirão das Cabras, principalmente, consegue dar um toque pitoresco, inclusive aos quintais das casas da rua Coronel Alfredo Augusto do Nascimento, por onde passa. Dessa forma, o núcleo urbano de Sousas consegue estar presente em praticamente, todos os elementos morfológicos que compõem o sítio. Isso nos possibilita estabelecer pelo menos dois níveis bem nítidos de ocupação: o primeiro entre as cotas de 638-646 m., abrangendo a planície e os baixos terraços que contêm a maior parte em superfície contínua e construída da aglomeração; e o segundo, que é o das baixas encostas, cuja ocupação se iniciou mais recentemente, e que se fixa entre as cotas de 660-670 m..

Realmente, a ocupação do sítio se iniciou naquele nível mais baixo, à beira do rio, linearmente, na rua Maneco Rosas e se pôs logo em contato com a atual Praça São Sebastião; êsse traçado inicial era completado por um pequeno trecho da atual Rua Cel. Alfredo Augusto do Nascimento, que dava acesso à ponte. Em tôrno dessas ruas, foram aparecendo outras mais que atingiram a atual Praça Sant'Anna, para o sul, pois o embrião Maneco Rosas — Praça São Sebastião ficara ilhado, ao norte, pelo meandro que o Ribeirão das Cabras executa antes de confluir com o Atibaia; daí o núcleo cresceu, até completar a ocupação na margem direita do Atibaia, dentro do nível de 638-646 m., entre o primeiro quarteirão da rua 13 de Maio, ao norte, e a rua Humaitá, ao sul, tendo como limite leste a rua do Riachuelo. A ocupação na margem esquerda iniciou-se, efetivamente, quando ali se deu a inauguração do "Ramal Férreo Campineiro", com sua estação terminal, em 1894. Depois disso, o crescimento orientado por essas linhas mestras e não deixando de seguir a orientação fluvial pelos vales do Atibaia, Ribeirão dos Pires e das Cabras, só fêz prolongar o que já existia. Realmente, a rua 13 de Maio é o prolongamento para o norte da Praça São Sebastião, paralelamente ao Vale do Atibaia; para o sul, ainda paralela ao rio, aparece a rua Piratininga, que é prolongamento da rua Maneco Rosas; para leste, a rua Cel. Alfredo Augusto do Nascimento que, de início, tinha apenas dois quarteirões, prolonga-se paralela ao Vale das Cabras até comunicar-se com a estrada para Joaquim Egídio; para oeste e sudoeste, a ponte que atravessa o Atibaia foi prolongada pela rua Conselheiro Antônio

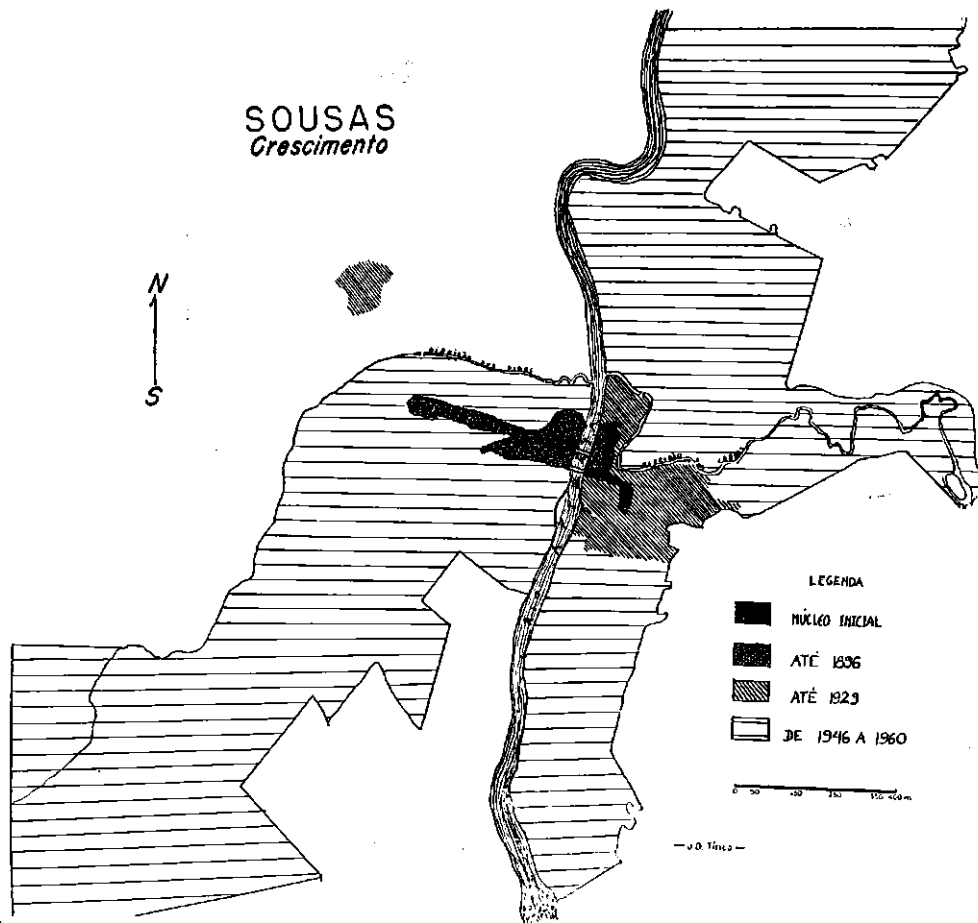
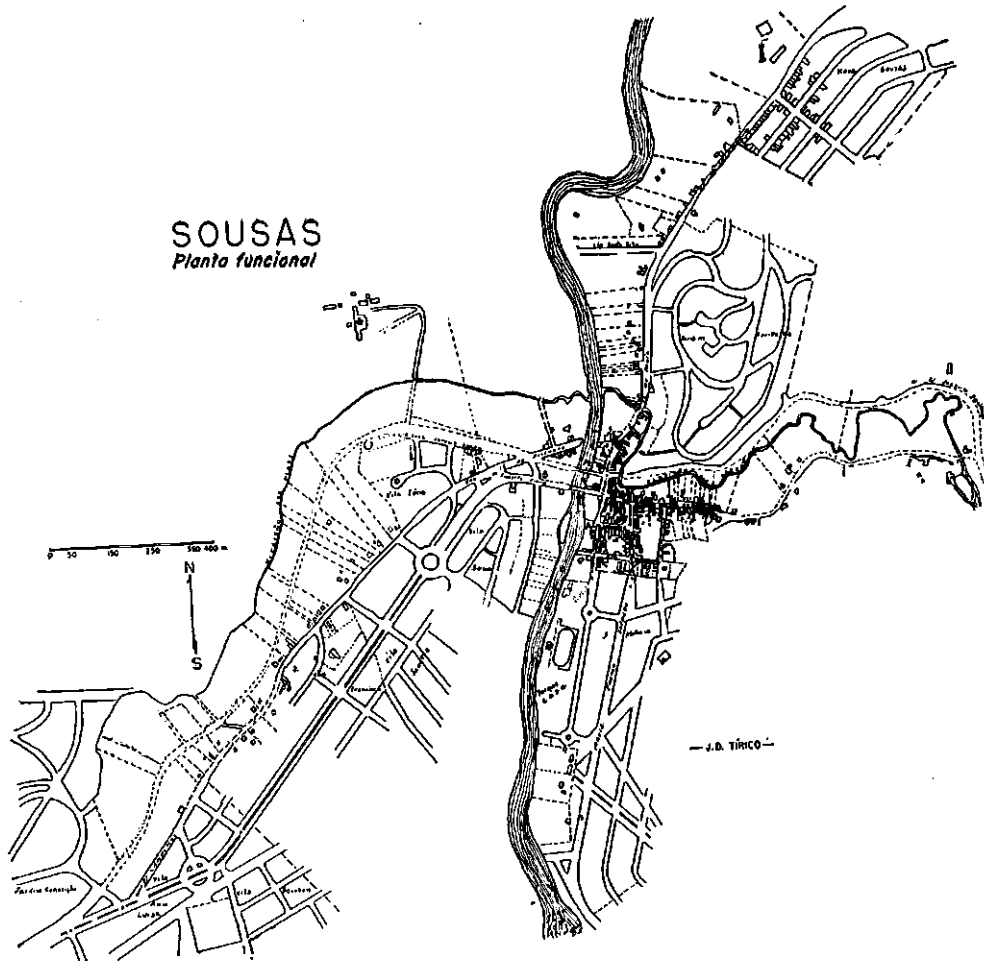


FIG. 2 -- Crescimento da área urbana de Sousas.

Prado e sua bifurcação, rua 15 de Novembro, a primeira transformando-se no caminho de ferro e a segunda na estrada de rodagem para Campinas ambas seguindo o vale do Ribeirão dos Pires. Fora isso, apenas houve ocupação linear ao longo da estrada rodoviária para Campinas, completando o quadro de crescimento até a crise de 1929-1930.

Seguiu-se, para Sousas, um longo período de estagnação no que concerne a novas conquistas do espaço urbano, até, aproximadamente, o fim da Segunda Guerra Mundial. De 1946 em diante, já se começaram a fazer tentativas de loteamento, nem sempre com muita felicidade, como o caso do Jardim Conceição, no limite sudoeste do aglomerado, à margem da estrada para Campinas, que foi cancelado. Já em 1947, a iniciativa particular foi coroada de êxito, quando, ao sul da parte central de Sousas, na margem direita do rio Atibaia, isolou-se uma área onde se instalou o Clube Campineiro de Regatas e Natação, o qual, logo depois (1951), atraía o loteamento do Jardim Atibaia, que lhe ficou paralelo e imediatamente a leste. Logo em seguida surgiram as vilas Iório e Sônia, ambas na margem esquerda do Atibaia, entre o rio e a linha do Ramal Férreo Campineiro, separadas pela rua 15 de Novembro, ambas na mesma altura do núcleo principal do aglomerado, do qual ficaram sendo prolongamentos. Em 1952, surge ao norte, entre a rua 13 de Maio e a margem direita do Atibaia, a Vila Santa Rita, e, entre essa mesma rua e os limites orientais de Sousas, o Jardim Sorirama, ambos ao longo da estrada para o distrito de Dr. Lacerda. Finalmente, no extremo norte, ainda ao lado da rodovia para Dr. Lacerda, a uns 400 m. da margem direita do Atibaia, aparece o loteamento de Nova Sousas. Dêsses loteamentos todos, o único que ainda não apresenta construções é o Jardim Sorirama; os demais, embora não totalmente ocupados, já apresentam várias edificações, inclusive de tipo moderno, o que nos permite fazer uma distinção visual de pronto, entre as partes mais antigas e as mais recentes do aglomerado. Destaque-se, ainda, que as partes já ocupadas dos loteamentos são sempre as que se acham diretamente ligadas às grandes linhas de circulação, como o Ramal Férreo Campineiro, as rodovias para Campinas, Dr. Lacerda e Joaquim Egídio.

Na ocupação dêsses novos espaços, é justo que se destaque a densidade de Nova Sousas, que, embora seja o mais recente (1956), está quase totalmente construído. Isso se deve, sem dúvida, a motivos de ordem funcional, pois aqueles 400 m. que, na margem direita do Atibaia, medeiam entre o loteamento e o rio, estão ocupados pela "Merck Sharp & Dohme S/A", e os moradores de Nova Sousas são quase todos funcionários da empresa.



LEGENDA

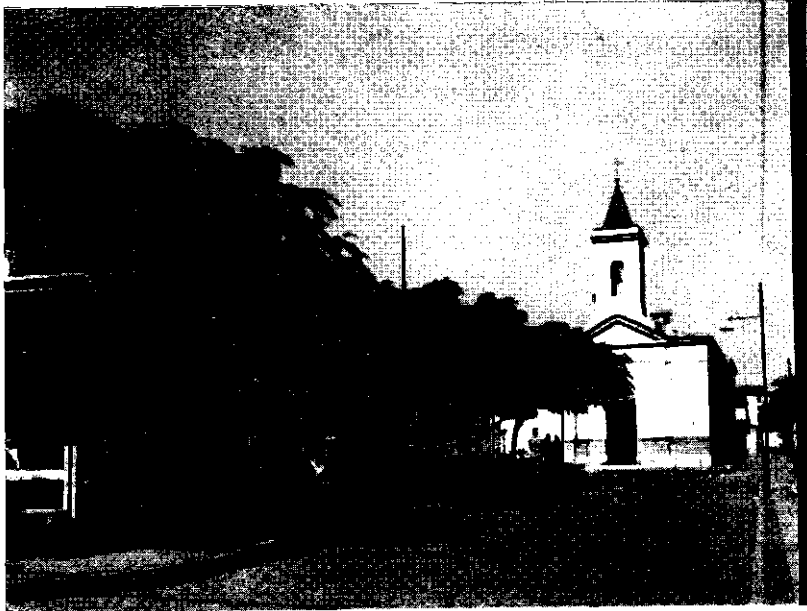
- | | | | |
|--|------------|--|-----------|
| | RESIDÊNCIA | | INDÚSTRIA |
| | COMÉRCIO | | HOSPITAL |
| | BANCO | | DIVERSÃO |
| | IGREJA | | ESCOLA |

FIG. 3 — *Planta funcional de Sousas.*

Assim é possível termos um quadro de *crescimento*, que, esquematicamente, compreende pelo menos três fases bem distintas: primeiramente, o núcleo inicial representado pela Rua Maneco Rosas, Praça São Sebastião até a Praça Sant'Anna, cujo limite no tempo vai até 1896; uma segunda fase, que se desenvolveu daquele ano até 1929, preenchendo todo o espaço entre a estação ferroviária, a oeste, até o fim da rua Cel. Alfredo Augusto do Nascimento, a leste, e a rua Humaitá, ao sul, até a 13 de Maio, ao norte; finalmente, a última fase, que sobreveio depois de um período de estagnação e que começou em 1946, vindo até nossos dias, compreendendo os modernos loteamentos que envolvem por todos os quadrantes aquelas duas áreas de ocupação mais antiga.

A par da função residencial, que ocupa a maior parte das suas 425 casas, onde se abrigam perto de 2 100 habitantes, segundo os cálculos para 1960, o núcleo urbano de Sousas possui uma *função comercial*, que se enquadra em uns 80 metros, aproximadamente, da rua Cel. Alfredo Augusto do Nascimento. É um comércio que ocupa 30 casas, cujas dependências de fundo quase sempre têm também função residencial. São bares, farmácias, sorveterias, açougues, sêcos e molhados, quitandas, alfaiatarias, barbeiros; enfim, ramos de negócios encontrados nos bairros de função mista de cidades com mais de 50 000 habitantes. A economia popular e o comércio encontram apoio numa *função bancária*, representada por uma Agência da Caixa Econômica Estadual e por uma Agência do Banco da Indústria e Comércio de Santa Catarina (Inco). A *educação* do povo está a cargo do Grupo Escolar, que abriga 300 alunos de ambos os sexos; 50 estudantes de vários graus buscam instrução em Campinas. Os *divertimentos públicos* são representados por dois cinemas: o Santo Antônio e o Danúbio, este último inaugurado o ano passado, podendo abrigar 1 000 espectadores, o que, sem dúvida, é um exagero se levarmos em conta a população do aglomerado. Além disso, há o Clube Campineiro de Regatas e Natação (C.C.R.N.), situado às margens do Atibaia, com ótimas instalações para todos os esportes e que abriga grande massa de associados nos fins de semana.

A *função industrial*, todavia, é a mais importante, não só pela área ocupada, como pelo capital de que se serve, como também pelo contingente humano que ocupa, apesar de se tratar de, apenas, quatro estabelecimentos de importância.



Foro 5 — A bem cuidada Praça de Sant'Anna, ponto central do aglomerado sousense, com sua igreja matriz, seu arvoredado que sombreia bancos modernos de granito e, à esquerda, no primeiro plano, a marquise do ponto de ônibus.



Foro 6 — Um aspecto da Avenida Isabelita Vieira, porta de entrada para quem vem de Campinas e que, infletindo-se para a direita, põe-nos em contato com a ponte que atravessa o Rio Atibaia (Foto do autor: 1959).

QUADRO DAS INDÚSTRIAS

<i>Produtos</i>	<i>N.º de operários</i>	<i>Área ocupada</i>	<i>Capital</i>
Medicamentos	312	25 000 m ²	Cr\$ 140 000 000,00
Cadeiras	80	1 800 "	1 500 000,00
Bebidas	6	800 "	1 200 000,00
Almofadas	15	585 "	240 000,00
Totais	413	28 185 m ²	Cr\$ 142 940 000,00

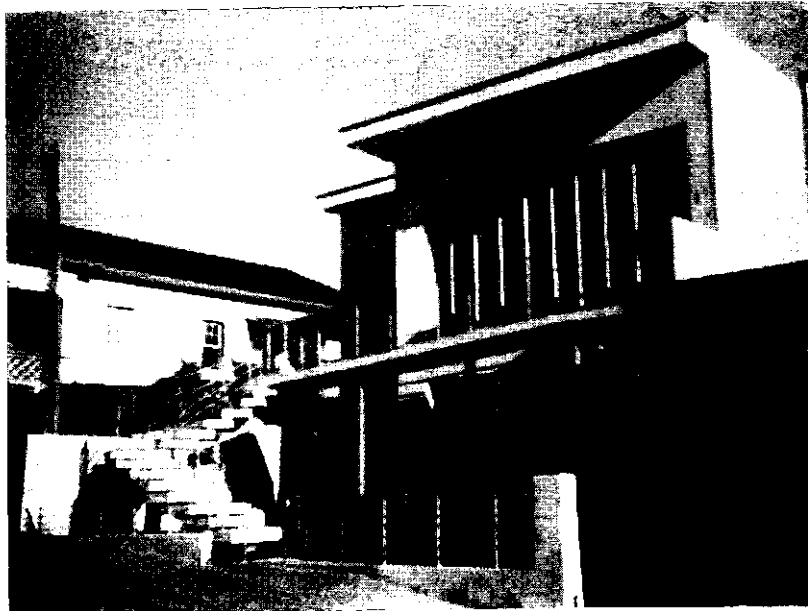
Como se observa por êsse quadro, a afirmativa acima é plenamente confirmada, quando dizemos que se trata da mais importante função de Sosas, apresentando um desequilíbrio muito grande com a função comercial, em que se empregam apenas Cr\$ 6 000 000,00. Nota-se, também, nêsse quadro, um destaque absoluto para a fábrica de medicamentos ("Merck"), em todos os sentidos.

Conclusões. — Pudemos notar pelo presente relato que Sosas nasceu e evoluiu através daquela marcha pioneira de povoamento que ocorreu no século passado, em todo o interior do Estado. O reconhecimento territorial de Sosas coincidiu com a diretriz firme de implantação da cultura comercial do café no município campineiro e o distrito teve sua fase áurea ligada à rubiácea, vivendo, portanto, única e exclusivamente em função de sua zona agrária. Foi uma primeira fase desenvolvimentista, em que Sosas passou de *pouso* dos desbravadores para *bairro* e *povoação*, com funções estritamente ligadas ao campo. Mas, com a crise de 1929-30, o café desapareceu e, então, não se pode dizer que Sosas continuava a viver de seus campos, nem no período que se seguiu imediatamente à crise, nem hoje, pois, nêsse setor, sua produção atual, através dos seus 3 000 000 de litros de leite e de seu 1 000 000 de quilos de tomate, não é bastante para justificar progresso, crescimento e dependência total da área agrária.

Existem alguns fatos que, no nosso entender, explicam as novas funções que Sosas tem no concôrto municipal campineiro. Desde a crise cafeeira até os nossos dias, evidenciou-se um fato que, atualmente, atinge os seguintes limites: pelo menos 60% da população útil de Sosas trabalha em Campinas. Tal situação, que veio se desenvolvendo lentamente, serviu-se do fator circulação-transporte. Realmente, a pequenina via-férrea, criada em 1894 unicamente em função de dar escoamento ao café produzido em Sosas,



Foro 7 — Detalhe da rua principal de Sosas, a Cel. Alfredo Augusto do Nascimento, que abriga tôda a função comercial do aglomerado. É domingo e as casas estão fechadas, mas esse automóvel com chiapa de Campinas e a motoneta revelam a presença dos "turistas" de fim de semana. (Foto do autor: 1959).



Foro 8 — Há em Sosas casas como estas, destinadas apenas a abrigar seus proprietários nas férias ou fins de semana. (Foto J. Cardoso: 1959).

viu-se, depois da crise, praticamente sem função, pois deixou de transportar a grande riqueza econômica que justificou a sua instalação. Passou por um período crítico, no qual foi adquirida pela "Cia. Tração, Luz e Fôrça", que, logo depois, a eletrificava; nem essa injeção de progresso conseguiu reanimar a pequenina via, que já começara a transportar passageiros. Em seguida, foi consagrada ao uso exclusivo de passageiros, com a instalação de um serviço de bondes, ao mesmo tempo que passava para as mãos da E. F. Sorocabana. Depois, começou a sofrer a concorrência de um serviço de ônibus inaugurado mais recentemente; e, quando a estrada de rodagem ganhou novo traçado e asfalto, e a circulação com veículos modernos pôs Campinas em contato com Sousas em 20 minutos, com três carros por hora em cada sentido, a ferrovia entrou em colapso novamente, até que, em fins de 1959, foram-lhe arrancados os trilhos e deixou de existir.

É evidente que a melhoria das comunicações e sua rapidez surgiram em função dos reclamos de uma população que precisava de transporte rápido para atender ao horário comercial, com 2 horas para o almoço, e tinha que se deslocar diariamente nesse horário, entre Sousas e Campinas. A situação ganhou realce quando, inaugurada a "Merck", uma parte da mão-de-obra foi recrutada em Campinas. Uns mudaram-se definitivamente para Sousas, no loteamento cognominado Nova Sousas, em frente à fábrica, porque suas funções no trabalho naturalmente compensaram essa mudança; outros, entretanto, continuaram morando em Campinas e trabalhando em Sousas. O que se vê, hoje, é uma intensa circulação entre as duas localidades em tôdas as horas do dia; de outro lado, o comércio de Sousas não atende tôdas as necessidades da população, como o comércio miúdo de um bairro residencial por excelência, em uma cidade de tamanho médio, não atende também. Então, o que se observa é um deslocamento de parte da população sousense para Campinas, a fim de fazer compras, como se fôra, guardadas as proporções, um deslocamento entre um bairro e o centro da cidade, dentro da capital do Estado; há conforto e rapidez nessa viagem, que se faz com extrema facilidade, através de pouco mais de 6 km. entre um e outro aglomerado urbano.

Outros fatos são também significativos, estando também enquadrados dentro das novas funções de Sousas e correspondem a outro tipo de relações com a sede municipal. Chama a atenção, por exemplo, o fato de Sousas possuir dois cinemas, sendo que o mais recente possui 1 000 acomodações; êsse número corresponde, praticamente, à metade da população urbana do pequeno aglomerado. Considerando-se que há ainda outro cinema, quase que há mais divertimento do que gente para divertir-se. Entretanto, a situação explica-



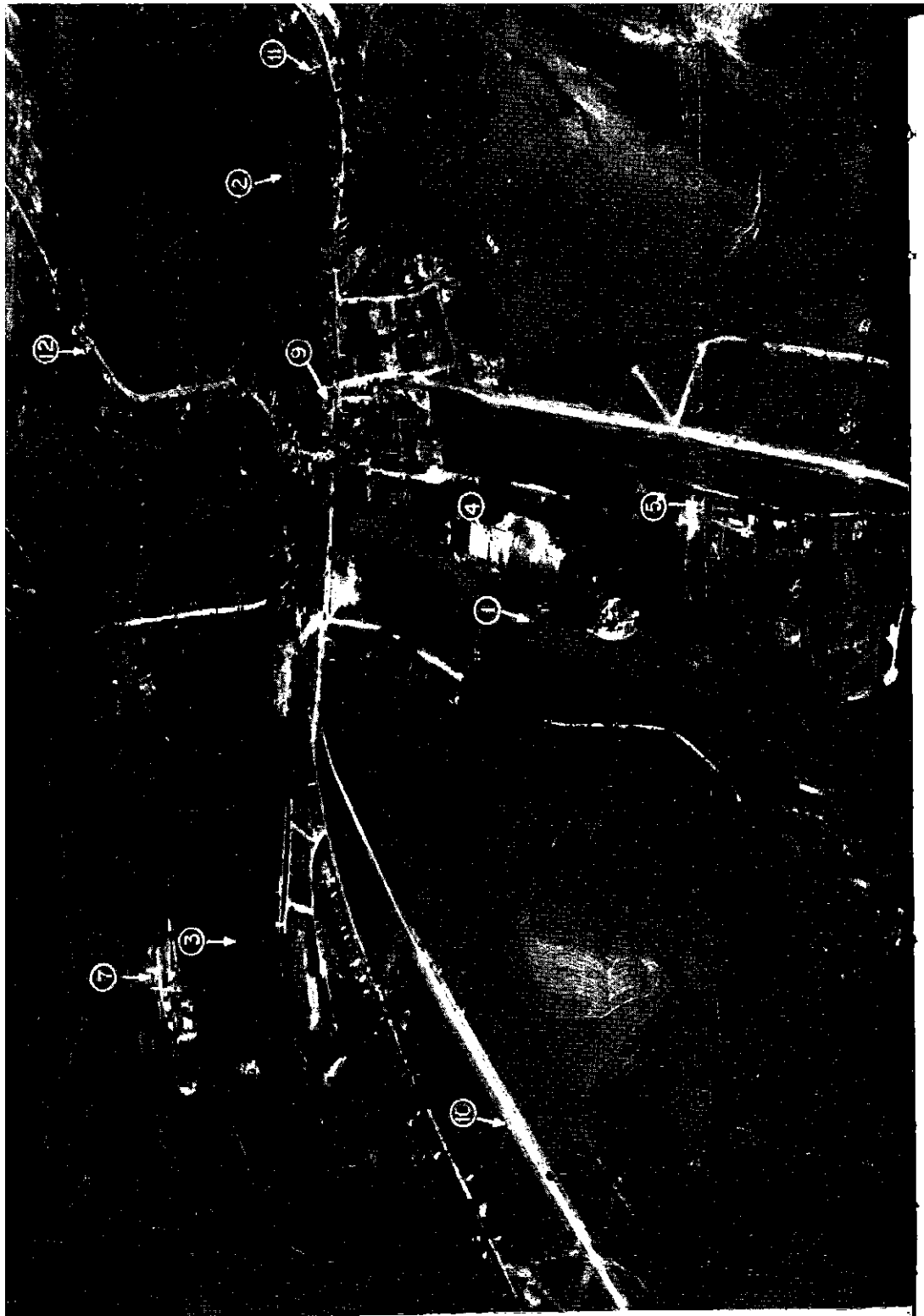


Foto 9 — Vista geral de Sousa: 1 — Rio Atibaia; 2 — Ribeirão das Calças; 3 — Ribeirão dos Pires; 4 — Clube de Regatas; 5 — Casa de Fôrça; 6 — "Merck"; 7 — Conjunto do Hospital para doentes mentais "Dr. Cândido Ferreira"; 8 — Barrão Operário de "Nova Sousa"; 9 — R. Cel. Alfredo Augusto do Nascimento, de concentração comercial; 10 — Via para Campinas; 11 — Via para Joaquim Egidio; 12 — Estrada para Dr. Lacerda. (Foto Balan).

se facilmente: em primeiro lugar, o cinema não funciona todos os dias, mas principalmente em fins de semana e feriados; em segundo lugar, Sotisas recebe um contingente humano apreciável, nos fins de semana, que ali chega para descansar e divertir-se. Muita gente, de Campinas e arredores, tem suas casas de "week-end" em Sotisas; são vivendas modernas, às vezes estilo Niemeyer, que contrastam com o casario local.

Tão estranho quanto o caso do cinema é o do Clube de Regatas local; sem dúvida, é uma agremiação muito bem aparelhada e, sobretudo, muito grande para o tamanho de Sotisas e sua população. Mas o "Regatas" serve muito mais a uma população de fora do que dali; serve exatamente aquela população que vem para suas casas em Sotisas passar os fins de semana, feriados e até férias. Esse contingente é acrescido, aos sábados e domingos, pelos que procuram o antigo arraial para pique-niques e que não são poucos, pois as dependências do "Regatas" ficam, nessas ocasiões, intransitáveis com tanta gente. Há, inclusive, festas do Clube que se fazem no rio Atibaia e que são marcas constantes no calendário dos que vêm a Sotisas em busca de descanso e higiene mental.

É assim que se apresenta Sotisas hoje. Nada mais, no núcleo urbano, faz lembrar a antiga dependência irrestrita da zona rural; atualmente, o antigo arraial vive das relações múltiplas acima referidas, que conseguiu estabelecer com Campinas, estando, assim, funcionalmente muito mais voltada para a sede municipal do que para o seu espaço agrário. Se mudaram as funções, se é muito diferente o quadro das relações regionais que se estabeleceram, então Sotisas não pode mais ser considerada um distrito rural pura e simplesmente, porque, funcionalmente, já não existe correspondência entre essa terminologia e a realidade. Por tudo isso é que consideramos Sotisas um *subúrbio* de Campinas, que, pelo seu funcionamento, liga-se muito mais ao âmbito citadino do que ao rural. Mas é mais do que isso. A dispersão linear, que se observa no caminho Campinas-Sotisas, adensa-se cada vez mais, pela subdivisão da propriedade. Antes eram fazendas, que se interpunham entre os dois pontos, depois chácaras hortícolas ou frutícolas, hoje são sítios para regalo de fim-de-semana, que se misturam a loteamentos e construções à beira da estrada. Esse adensamento que evoluiu e cuja evolução se sente ao simples contato com a paisagem, mais dia menos dia se completará no sentido de uma ocupação contínua entre Sotisas e Campinas, por intermédio de uma forte concentração linear que, por certo, levará o nome de rua ou avenida. É por isso que achamos que a designação de *subúrbio* para Sotisas não lhe cáí mal; mas tudo indica que o atual estágio evolutivo é de transição para *bairro-subúrbio*.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, A. N. — *A Terra Paulista*: Boletim Paulista de Geografia, n.º 23 — 1956.
- AB'SABER, A. N. — *O problema das conexões antigas e da separação da drenagem do Paraíba e do Tietê*: Boletim Paulista de Geografia, n.º 26 — 1957.
- AB'SABER, A. N. — *Geomorfologia de uma linha de quedas apalachiana típica do Estado de São Paulo*: separata do Anuário da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae da U. C. de S. Paulo — 1953.
- AZEVEDO, Aroldo — *Embriões de Cidades Brasileiras*: Boletim Paulista de Geografia, n.º 25 — 1957.
- BERNARDES, Nilo — *Contribuição para uma discussão sobre problemas de "habitat" rural no Brasil*: Anais da A. G. B. — vol. X, tomo I, 1958.
- DEFONTAINES, Pierre — *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo*.
- KELLER, E. C. S. — *Estado atual dos conhecimentos sobre habitat rural no Brasil*: Anais da A. G. B. — vol. X, tomo I, 1958.
- MONBEIG, Pierre — *A divisão regional do Estado de São Paulo*: Anais da A. G. B. — vol. I, 1949.
- MÜLLER, N. L. — *Paisagens Rurais do Município de Campinas*: Anais da A. G. B. — vol. II — 1952.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de — *Viagem à Província de São Paulo*. Martins, São Paulo, 1940.
- SETZER, José — *O estado atual dos solos no município de Campinas, Estado de São Paulo*: Revista Brasileira de Geografia, ano IV, n.º 1.
- TABUTEAU, Michel — *Comunicações sobre o estudo do habitat rural no Brasil*.